

RESENHA

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

Estevão Pastori Garbin

Universidade Estadual de Maringá

Departamento de Geografia
Av. Colombo, 5790 – CEP 87020-900 – Maringá – Paraná – Brasil
estevoepeg@gmail.com

O que a epistemologia pode trazer a uma disciplina como a Geografia?

É com esta pergunta que Paul Claval inicia seu livro. Não é preciso ser um observador muito atento para perceber que muitos acadêmicos e profissionais da Geografia pouco refletem sobre sua trajetória histórica e as possibilidades que seu estudo pode ofertar para uma compreensão mais concreta da ciência geográfica.

Neste sentido, o livro de Paul Claval intitulado “Epistemologia da Geografia” traz um olhar conciso e objetivo sobre os principais pontos marcados na história do pensamento geográfico, apontando suas relações com o desenvolvimento científico e político de suas respectivas épocas. Sua escrita simples e objetiva possibilita que mesmo os leitores menos familiarizados com o tema se situem e compreendam com clareza os rumos que a Geografia seguiu ao longo de sua história.

O livro é dividido em treze capítulos, abrangendo desde as soluções aos problemas de orientação e de localização das “geografias vernaculares”, até os principais debates epistemológicos pós-década de oitenta.

Nestas linhas, daremos destaque aos primeiros três capítulos de sua obra, que tratam da evolução que a Geografia postulou como um conhecimento *vernacular*, intimamente ligado aos

saberes-fazer de cada povo, até universalização de algumas estratégias da Geografia, que serviram de subsídio para os recenseamentos dos Estados e aos deslocamentos dos viajantes.

Para o autor, as geografias “pré-científicas” ou “vernaculares” estão intimamente ligadas ao caráter cultural dos diferentes povos. As necessidades mais fundamentais para as comunidades garantirem sua sobrevivência – a localização e orientação – tiveram um grande impulso a partir dos batismos dos terrenos: as topomínias. Para o autor, “batizar o terreno e cobri-lo de uma cobertura de nomes transformam o conhecimento dos lugares em saber coletivo, mesmo que imperfeito” (p.32), integrando-se, assim, a uma grade social de informações. O autor exemplifica esta importância apontando a utilização de três principais topomínias pela cristandade na Idade Média: Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Apesar de poucos conhecerem pessoalmente estes lugares, muitos aspiravam seus destinos, perguntando-os aos moradores do trajeto para qual direção seguir, até chegar aos seus destinos.

A impossibilidade de “universalizar” as topomínias, que variam de acordo com a cultura de cada povo, foi vencida pela adoção do sistema de informação geográfica advinda das observações dos astros,

uma herança genuinamente grega. O autor considera esta **a maior ruptura epistemológica da Geografia**.

A partir de então, Paul Claval narra os principais acontecimentos que impulsionaram o desenvolvimento de técnicas mais efetivas para localização e espacialização dos fenômenos geográficos. A necessidade dos levantamentos demográficos pelos Estados em formação, que implicara posteriormente pela aplicação de entrevistas e questionários para a caracterização demográfica, bem como o desenvolvimento da Cartografia como ferramenta indispensável à efetivação da Geografia são destacados pelo autor.

Claval é muito competente em apontar características inerentes ao geógrafo, como a natureza de sentir que há muito que dizer, de compartilhar as diversas informações obtidas pelas suas trajetórias. Mas, desenvolver uma forma eficaz de tornar estes relatos interessantes e ao mesmo tempo científicos nunca foi uma tarefa fácil para o geógrafo.

É necessário que o geógrafo demonstre paixão sobre seus trabalhos, utilizando cada célula de seu corpo para transmitir suas mensagens de maneira atrativa. Para ele, “a Geografia é uma ciência da observação. Aquele que a pratica ama andar, olhar ao redor, cheirar os odores e sentir a atmosfera; é também um homem de contato, sempre pronto a interrogar as pessoas e a escutá-las” (p.61).

Das formas de organizar e transmitir os conhecimentos geográficos, Paul Claval aponta duas principais maneiras. A primeira se dá pela narração de verdadeiras ‘epopeias históricas’, compartilhando as “histórias da conquista da Terra” por uns e “a transformação do espaço natural com a chegada do Homem” para outros. A história da Geografia se confunde facilmente com a história das Grandes Navegações (p.89), e a linearidade

facilitada pela narrativa faz com que seus ouvintes se interessem e anseiem pelos próximos capítulos.

Entretanto, há dois principais problemas sobre este gênero narrativo. A dramatização exigida pelo geógrafo para tornar seus relatos interessantes podem acabar prejudicando o caráter científico de suas experiências. Além disso, a partir do século XIX, a colonização de continentes pouco explorados – como a África e o cruzamento de países como a Austrália – tornaram meio ‘radicais’ os relatos etnocêntricos dos colonizadores. A narrativa da exploração geográfica da Terra esteve fortemente ligada à trajetória colonialista europeia (p.88), e concebê-la como uma história linear e evolutiva é ser cúmplice dos argumentos dos colonizadores. Apesar destes contrapontos, as narrativas conseguem ampliar a significação dos eventos e dos espaços, mesmo que às vezes pareça injustificada (p.109).

Outra maneira de sistematizar o conhecimento geográfico foi através da confecção de tabelas que agrupassem e apresentassem as principais características regionais: os quadros geográficos.

Segundo Claval, “traçar o quadro geográfico de uma região é desenhar as divisões que se podem ali reconhecer e destacar suas características específicas” (p.93).

A objetividade advinda desta modalidade, que depende das habilidades do geógrafo em agrupá-las e apresentá-las, facilitou sua preferência entre os Estados e viajantes que necessitavam de uma fonte que lhe garantissem êxito para compreender melhor seu território.

No decorrer da obra, é comum vir a mente do leitor algumas discussões trazidas pela famigerada obra de Yves Lacoste em “A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra”, principalmente quando Claval aborda o

fortalecimento dos Estados modernos e suas implicações no desenvolver de métodos para o controle e domínio de seus territórios. É necessário delimitar um espaço para controlá-lo (p.50).

Daí podemos considerar a importância crescente da Cartografia para o mapeamento e delimitação dos territórios, principalmente dos Estados modernos. As duas ferramentas para a consolidação do saber geográfico como ciência decisiva para o controle do espaço – o mapa e o cronômetro – são implicitamente compreendidos durante os primeiros capítulos do livro, em consonância com as ideias de Harvey (1992 p.209), que afirmam que o “mapeamento do mundo abriu caminho para que se considerasse o espaço algo disponível à apropriação de usos privados”, um ideal motriz paralelo aos interesses dos Estados que se valiam – e ainda se valem - do conhecimento geográfico.

“Epistemologia da Geografia” é um livro fundamental para aqueles que anseiam aumentar seu conhecimento sobre a história do pensamento geográfico e obrigatório para aqueles que estão dispostos a percorrer pelos meandros da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LACOSTE, Yves. **A Geografia serve, isto em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus, 2001.

Data de submissão: 25.02.2012

Data de aceite: 27.03.2012